

Artigo

A MENINA, A BONECA E O BEBÊ: NOTAS SOBRE A CULTURA MATERIAL DA EDUCAÇÃO SANITÁRIA

Heloísa Helena Pimenta Rocha 

RESUMO

Este artigo se insere no âmbito das reflexões sobre a cultura material da educação, interrogando sobre os objetos empregados nas práticas de educação sanitária e, especificamente, de puericultura, instituídas nas escolas primárias e centros de saúde de São Paulo, nas décadas iniciais do século XX. Elege como fonte e objeto de análise a boneca, artefato em torno do qual se desenvolveram algumas dessas práticas. Com base nos vestígios encontrados em fontes como fotografias, textos produzidos por defensores da introdução da puericultura no currículo escolar, dados levantados na imprensa oficial e na imprensa destinada ao público infantil, busca identificar os materiais de que eram confeccionadas as bonecas, os circuitos envolvidos na sua produção e aquisição, bem como as representações em torno do seu significado na constituição da subjetividade infantil.

Palavras-chave: educação sanitária, puericultura, cultura material.

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, Brasil.

LA NIÑA, LA MUÑECA Y EL BEBÉ: NOTAS SOBRE LA CULTURA MATERIAL DE LA EDUCACIÓN SANITARIA

RESUMEN

Este artículo se enmarca en el ámbito de las reflexiones sobre la cultura material de la educación, cuestionando los objetos empleados en las prácticas de educación sanitaria y, específicamente, de puericultura, instauradas en las escuelas primarias y centros de salud de São Paulo en las décadas iniciales del siglo XX. Selecciona como fuente y objeto de análisis la muñeca, un artefacto en torno al cual se desarrollaron algunas de estas prácticas. A partir de los vestigios encontrados en fuentes como fotografías, textos producidos por defensores de la introducción de la puericultura en el currículo escolar, y datos recogidos en la prensa oficial y en la prensa dirigida al público infantil, el artículo busca identificar los materiales con los que se confeccionaban las muñecas, los circuitos implicados en su producción, adquisición, así como las representaciones en torno a su significado en la constitución de la subjetividad infantil.

Palabras clave: educación sanitaria, puericultura, cultura material.

THE GIRL, THE DOLL AND THE BABY: NOTES ON THE MATERIAL CULTURE OF HEALTH EDUCATION

ABSTRACT

This article engages with the field of educational material culture by examining the objects used in public health education practices—particularly those related to puericulture—implemented in primary schools and health centers in São Paulo during the early twentieth century. It selects the doll as both a source and an object of analysis, an artifact around which several of these pedagogical practices were structured. Drawing on evidence from photographs, written documents produced by proponents of incorporating puericulture into the school curriculum, as well as data published in official media and periodicals aimed at children, the study seeks to identify the materials used in the production of these dolls, the networks involved in their production and acquisition, and the symbolic representations attributed to them in the formation of childhood subjectivity.

Keywords: health education, childcare, material culture.

LA FILLE, LA POUPÉE ET LE BÉBÉ : NOTES SUR LA CULTURE MATÉRIELLE DE L'ÉDUCATION À LA SANTÉ

RÉSUMÉ

Cet article s'inscrit dans le cadre des réflexions sur la culture matérielle de l'éducation, en interrogeant les objets utilisés dans les pratiques d'éducation sanitaire et, plus précisément, de puériculture, mises en place dans les écoles primaires et les centres de santé de São Paulo au cours des premières décennies du XXe siècle. Il choisit comme source et objet d'analyse la poupée, un artefact autour duquel se sont développées certaines de ces pratiques. À partir des traces retrouvées dans des sources telles que des photographies, des textes produits par des défenseurs de l'introduction de la puériculture dans le programme scolaire, ainsi que des données recueillies dans la presse officielle et dans la presse destinée au public enfantin, l'étude cherche à identifier les matériaux ayant servi à la fabrication des poupées, les circuits impliqués dans leur production, acquisition, ainsi que les représentations associées à leur signification dans la construction de la subjectivité enfantine.

Mots-clés : éducation à la santé, puériculture, culture matérielle.

O progresso do controle dos sentimentos deve ser relacionado com a difusão de objetos e seus usos. (Roche, 2000, p. 332)

PREPARANDO PARA A “IDADE MATERNAL”

Este artigo se inicia com uma série de fotografias que compõem o *Álbum do Centro de Puericultura* do Instituto de Educação de São Paulo, o qual reúne, dentre outros, alguns registros das práticas desenvolvidas pelas alunas dos grupos escolares, nos anos de 1933 e 1934. A apresentação dessas fotografias se constitui em um convite à reflexão sobre as questões que se pretende abordar, as quais se articulam em torno da cultura material da educação sanitária (Figuras 1, 2, 3 e 4).

Figura 1 – Práticas de puericultura: pesagem.



Fonte: *Álbum do Centro de Puericultura*.*

*Agradeço à pesquisadora Ariadne Ecar pela disponibilização dessas fontes.

Figura 2– Prática de puericultura: pesagem.



Fonte: *Álbum do Centro de Puericultura.*

Figura 3– Prática de puericultura: pesagem.



Fonte: *Álbum do Centro de Puericultura.*

Figura 4 – Prática de puericultura: banho.

Fonte: *Álbum do Centro de Puericultura.*

Como se pode observar, na primeira fotografia da série, uma menina uniformizada posa circunspecta ao lado de uma mesa, sobre a qual se pode ver uma balança, com uma boneca posicionada de frente para o observador. Já na segunda, o centro da cena é ocupado por um bebê, aos prantos, sentado sobre a balança, cercado por meninas: uma delas, de costas para o fotógrafo, se ocupa com a aferição do peso, enquanto as outras observam o bebê e aguardam o *clic* do fotógrafo.

Na terceira fotografia, um grupo mais numeroso de meninas se distribui no espaço, compondo a cena da pesagem do bebê, em gestos que sugerem o esforço de regular a balança ou, talvez, de registrar o peso e, ao mesmo tempo, de lidar com o desafio de segurar o inconsolável bebê. É possível perceber, ainda, que as meninas são supervisionadas por uma figura adulta, cuja presença se pode entrever no que provavelmente seria a porta da sala, à direita da imagem. Por fim, na última fotografia, novamente figura um bebê, desta vez acomodado em uma banheira, em uma simulação de uma prática de banho.

As quatro imagens são ambientadas em um cenário povoado por balanças, cartazes com orientações sobre os cuidados com as crianças pequenas, fotografias de crianças e produtos de higiene pessoal. Chama a atenção o uso do uniforme, indicando o caráter escolar das práticas encenadas, concebidas como parte da formação das meninas que frequentavam as escolas primárias paulistas como futuras mães.

Para além dos registros fotográficos, a presença da boneca – em substituição aos bebês, estes também utilizados como recursos didáticos nas práticas de puericultura, como evidenciam as fotografias – pode ser identificada em uma matéria publicada pelo jornal *Correio Paulistano*, em junho de 1930, sob o título “Uma grande cruzada da Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude – O papel que representa a ‘Escola de Mãesinhas’”. Registrando a festa de encerramento do curso de puericultura ministrado no Centro de Saúde do Bom Retiro para as alunas dos grupos escolares, a matéria enaltece o que qualifica como uma “patriótica jornada” realizada por esse órgão (Rocha; Soares, 2022), destacando:

A “Escola de Mãesinhas”, frequentada por alumnas do 4º anno dos grupos escolares da capital, tem uma função altamente social. O seu programma, abrangendo a criança [ou seja, a menina] em um estagio unico, aquelle em que tem o espirito em caminho de uma formação, vai despertar no seu intimo, aproveitando as suas tendencias feminis de carinho para com as bonecas, o sentimento protector para com o seu irmãozinho, e ao ficar sabendo do valor da saude, estará a preparar-se, naturalmente, para amanhã, quando lhe chegar a idade maternal, saber como criar um filho forte e sadio. (Uma grande..., 1930, p. 2).

Visando dar uma ideia do “verdadeiro papel” dessas iniciativas, o jornal publica o texto de uma peça teatral encenada na festa, sob o título *A escola de mãezinhas*, na qual a boneca ocupa um lugar de destaque. A peça coloca em cena três personagens femininas nomeadas como “A”, “B” e “C”. A primeira, uma menina de 12 anos, figura como a protagonista, cujas falas se voltam para a defesa do ensino das noções de puericultura. “B”, dois anos mais velha, é uma personagem irreverente que, com seu tom desafiador e irônico, se desloca, ao longo da encenação, da crítica ao convencimento em relação à importância da escola de mãezinhas na formação das meninas; já “C”, uma menina de 10 anos, entra ao final do diálogo entre as duas, assumindo a função de confirmar as posições da protagonista.

A peça tematiza as práticas de cuidado com as crianças pequenas, representadas pela emblemática figura da boneca. Para começar, a menina “A” entra em cena como uma boneca no colo, e se dirige a “B” com as seguintes palavras: “– Você não imagina como minha filhinha aproveitou depois que frequentei as aulas da Escola de Mãezinhas: aumentou em peso, está mais alegre, diz papae, mamãe e já quer andar...” (Uma grande..., 1930, p. 2). O diálogo entre as personagens “A” e “B” segue, com cenas em que a primeira beija e abraça afetuosamente a filhinha-boneca, além de ressaltar a sua beleza e os sinais de saúde que apresenta.

Os indícios observados nas fotografias e no roteiro da peça infantil instigam a interrogar a presença da boneca nas práticas de educação sanitária e, mais especificamente, de puericultura, que tiveram lugar nas escolas primárias paulistas e nos centros de saúde, nas décadas iniciais do século XX, com vistas a formar as meninas nos fazeres relacionados aos cuidados com os pequenos. Partindo desses indícios, este artigo visa contribuir para o exame dos artefatos que deram suporte a essas práticas, elegendo a boneca como objeto e fonte de investigação. Procura rastrear vestígios dessas bonecas, indagando sobre as formas que assumiram, os materiais de que eram confeccionadas, os circuitos envolvidos na sua produção, aquisição e as representações sobre o seu significado na constituição da subjetividade infantil. Para tanto,

toma como fontes fotografias e textos produzidos por profissionais engajados na difusão da puericultura, além de dados levantados na imprensa oficial e na imprensa destinada ao público infantil.¹

O exame desse objeto cultural e do seu lugar em práticas que visavam formar as futuras mães supõe um percurso de investigação que considera as indagações sobre a boneca como um brinquedo infantil, mas também os deslocamentos que responderam pela sua inscrição em práticas que visavam conformar os gestos e a subjetividade das meninas, ensaiadas seja nas escolas seja nos centros de saúde. Nesse sentido, procura atentar, como sugerem as reflexões de Meneses (1998, p. 96), para a dimensão desse objeto como vetor de “construção da subjetividade”. Deslocada das brincadeiras infantis, a boneca é investida, no interior dessas práticas, de uma missão pedagógica. Substituindo e representando a figura do bebê, está aí para ensinar, por meio de gestos definidos e exercitados, como lidar com os pequenos, no presente e, mais precisamente, no futuro.

As questões levantadas inserem-se no âmbito das discussões sobre a história da cultura material da educação (Escolano, 1990; Rocha, 2023; Souza, 2007, 2007a; Viñao Frago, 1995) e procuram contribuir com as reflexões sobre a produção, a circulação e os usos educativos dos artefatos materiais. Na análise desse artefato da cultura material da educação sanitária, mostram-se instigantes as indagações de Meneses (1998, p. 90) sobre a natureza do objeto material como documento e a sua capacidade documental. Nessa direção, indagando sobre o potencial e o significado da cultura material para a ampliação do conhecimento histórico em educação, Souza (2007, 2007a) chama atenção para os vínculos entre os artefatos materiais, os intentos de racionalização, as aspirações de modernização educacional e as iniciativas voltadas para tornar o ensino mais produtivo, eficiente e atrativo.

Souza (2007) assinala, assim, a importância de atentar para as articulações entre a cultura material e as concepções pedagógicas, os saberes, as práticas, como também os significados simbólicos de que são investidos os artefatos. Nessa perspectiva, refletindo sobre o significado dos objetos materiais, Escolano (1990, p. 7) sublinha que eles dão a ver os valores e as concepções subjacentes à educação, destacando que “los textos, el mobiliario, los espacios y todos los elementos que componen el utillaje escolar hablan también de nuestros modos de pensar y de sentir, de los sistemas de valores que informaron la educación, de la intrahistoria de la escuela y de las relaciones de ésta con la sociedade de cada época”.

As reflexões propostas procuram, desse modo, inscrever a boneca no universo daquilo que Peretti (2005) designa como “outils pédagogiques”, para se referir aos objetos de que se utilizam os professores em suas interações com os alunos. Segundo propõe o autor, o termo abarca um amplo leque de objetos, que inclui, dentre outros, giz, quadros, manuais, penas e tintas, laboratórios e seus equipamentos, cartazes, filmes, instrumentos de observação e de avaliação, testes, esquemas de “situação problema” e jogos de fichas; todos eles pensados como suporte do trabalho pedagógico. Considerando desde os objetos mais concretos aos

¹ O texto apresenta resultados de pesquisas realizadas com financiamento do CNPq/Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processo 312088/2021-3) e da FAPESP/Projeto Temático “Saberes e práticas em fronteiras” (Processo 2018/24860-2).

mais abstratos, o autor indaga: com base em que critérios se pode tomá-los como “objetos pedagógicos”? As noções de “outil” e “outillage” remeteriam apenas a uma dimensão artesanal? Ou podem contemplar as operações de natureza mais marcadamente intelectual?

As indagações de Peretti sobre a extensão das noções de “outil” e “outillage” no campo da educação e a possibilidade que defende – de diversificação da gama de artefatos que compõem o que denomina como “outillage pédagogique” – encontram eco na proposta de Souza (2007, p. 176) de compreender a cultura material escolar em uma perspectiva ampliada, que abarca “os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação” e, ao mesmo tempo, balizar o uso do adjetivo escolar, levando em consideração que a educação é uma prática social e cultural que não se restringe às dimensões da escolarização. As proposições dos autores são pertinentes quando se busca analisar esse objeto material específico, não necessariamente produzido para usos escolares, do qual se lançou mão para dar suporte às práticas de educação sanitária das meninas e, de modo mais específico, às práticas de puericultura, assumindo, como sugere Souza (2007, p. 177), novas finalidades, usos e significados simbólicos. No enfrentamento das questões que cercam a presença da boneca nessas práticas, parecem sugestivas as reflexões de Roche (2000) ao examinar o mobiliário e seus usos. Como propõe o autor, “poderíamos escrever a história do alforje ou da valise, da gaiola ou do cesto, da mala ou do cofre. Na aventura histórica da arrumação, é uma formação da nossa personalidade social contemporânea que está em jogo” (Roche, 2000, p. 225). Nessa direção, interessa capturar, para além dos aspectos que cercaram o aparecimento desse artefato material, que simula a presença dos bebês, as dimensões simbólicas envolvidas no deslocamento que respondeu pela sua inserção em práticas encenadas por meninas que frequentavam as escolas primárias.

A ESCOLARIZAÇÃO DOS CUIDADOS COM AS CRIANÇAS PEQUENAS

A importância da aquisição de conhecimentos de puericultura pelas meninas, com vistas a prepará-las para as exigências da maternidade, esteve presente nos discursos em circulação nas décadas iniciais do século XX, materializando-se em propostas pedagógicas e práticas como as encenadas nos registros fotográficos que compõem o *Álbum do Centro de Puericultura*. Exemplar, nesse sentido, são as proposições de J. P. Fontenelle, médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1908) e professor de higiene da Escola Normal do Distrito Federal (1917), em seu *Compendio de Hygiene Elementar*, publicado em 1918, no qual o autor sistematiza os conteúdos ministrados para as normalistas em formação (Paiva, 2013).

Examinando a temática da saúde na escola, o autor dava destaque à contribuição que essa instituição poderia oferecer para a correção de problemas de visão e audição, bem como para o tratamento de algumas doenças, o que viria a favorecer o desenvolvimento infantil e potencializar o aproveitamento escolar. Em outra dimensão, assinalava a importância do ensino de noções elementares de higiene e a necessidade de aquisição, desde a mais tenra

idade, daqueles que eram considerados os “bons hábitos de vida” (Fontenelle, 1925, p. 618). Dentre as funções da organização sanitária escolar apontadas por Fontenelle (1925, p. 619 – grifos nossos), figurava a responsabilidade de “instruir as crianças nos princípios da hygiene, procurando criar bons hábitos de vida, e *iniciar as meninas nos primórdios da arte de ser mãe*”.

Quanto aos modos como deveria ser organizado esse ensino, o médico-educador destacava o seu caráter eminentemente prático, recomendando a utilização de jogos, brinquedos e histórias. Para as escolas primárias do Rio de Janeiro, propunha a organização de uma “escola de mãezinhas”, na qual “sob a direção da enfermeira escolar, ou de uma enfermeira de saúde pública, as meninas aprendem praticamente como banhar, vestir, alimentar e cuidar das criancinhas, com grandes vantagens para seus futuros filhos e benefícios ainda maiores para a colectividade toda” (Fontenelle, 1925, p. 628).

As propostas de escolarização de saberes e práticas relacionados aos cuidados com a criação dos pequenos, em iniciativas como a “escola de mãezinhas”, buscava inscrever essa esfera da vida em um novo regime, que não podia prescindir de práticas ensaiadas pelas alunas das escolas primárias. Como sentenciava o médico-educador, “é preciso que as mulheres não tenham de aprender a criar os seus rebentos experimentando com o primeiro filho, cuja morte seja o preço de adquirirem a prática com que hão de salvar os que vierem depois” (Fontenelle, 1925, p. 628).

A inclusão desses conhecimentos e práticas na formação das meninas se justificava em função dos elevados índices de mortalidade infantil e das explicações dadas pela ciência da época; explicações essas que vinculavam a morte das crianças ao despreparo das mães, sobretudo em relação aos cuidados com a alimentação. Como vários estudos têm sublinhado (Costa, 1989; Freire, 2008; Magalhães, 2021; Pereira, 2008; Rago, 1997; Viviani, 2007), não é incomum nos discursos da época a associação entre a mortalidade infantil e a suposta “ignorância das mães”. Assim, saberes e práticas partilhados entre as mulheres e transmitidos de geração em geração, no âmbito doméstico, passavam a ser representados como credulices e superstições, nomeando-se as detentoras desse conhecimento, de forma pejorativa, como “comadres” e “curiosas”.

Em São Paulo, Antonio de Almeida Junior, médico formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo, lente de biologia e higiene da Escola Normal do Braz, estava entre os que defendiam o ensino de puericultura nas escolas primárias. Em sua tese, apresentada à Faculdade de Medicina em 1922, sob o título *O saneamento pela educação*, chamava atenção para os elevados índices de mortalidade infantil. Com base nas ideias em circulação em âmbito internacional, interpretava esses dados como resultado do despreparo das mulheres para a sua “função social”, ou seja, para a maternidade, alertando para a urgência de “*ensinar a arte de criar os filhos e educá-los*” (Almeida Junior, 1922, p. 24 – grifos nossos). No amplo e detalhado programa de educação higiênica apresentado em sua tese, propunha que, “nas classes adiantadas de meninas”, fosse incluído o ensino da puericultura, contemplando alguns preceitos relativos ao preparo dos alimentos (Almeida Junior, 1922, p. 55). Recomendava que,

para tanto, se seguissem as diretrizes quanto a um ensino prático propostas para o conjunto de aspectos contemplados pela educação sanitária. Nessa direção, indicava que:

Uma boneca e todos os objectos da vida infantil, que se puderem reunir, trarão ao ensino interesse e efficacia inegualaveis. Metade brincando, metade a sério, as futuras mães irão aos poucos apprendendo os cuidados mais importantes para com as criancinhas, asseio da pelle, da cabeça, da roupa; o modo de banhar, o modo de vestir; a hygiene da bocca, a hygiene do somno e, acima de tudo, o que concerne á alimentação natural ou artificial. (Almeida Junior, 1922, p. 56)

A questão já havia sido objeto de discussão em São Paulo, alguns anos antes, figurando entre os aspectos tematizados no inquérito sobre a instrução paulista realizado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914 (Rocha; Soares, 2022). Em sua resposta, o professor José Escobar se manifestava favorável à introdução desse conteúdo nas escolas primárias. Conforme sentenciava ele, “o amor de mãe não confere um diploma de capacidade”. Assim, era necessário que as mães fossem educadas, já que, segundo argumentava: “o uso dos banhos, a esterilização do leite, o emprego da balança, a noção de assepsia, etc. constituem uma bagagem de conhecimentos elementares que, nenhuma mulher, acima de 12 anos, tem o direito de ignorar” (Escobar, 1916 *apud* Castro, 1946).

Os primeiros ensaios de inclusão da puericultura nas escolas primárias de São Paulo datam de 1918, como parte do programa de “educação doméstica e puericultura” da seção feminina do 4º ano. Tal programa reunia às noções de administração da vida doméstica, o cuidado com as crianças pequenas, englobando itens relacionados com a alimentação, o asseio, a escolha da ama, os exercícios e o repouso, além das doenças mais frequentes entre os pequenos e as formas de prevenção. Suprimida na reforma de 1925, a puericultura voltaria a fazer parte do currículo das escolas primárias em 1933, com a aprovação do Código de Educação, no âmbito das medidas implementadas por Fernando de Azevedo, na direção do Departamento de Educação (Rocha, 2016; Rocha; Soares, 2022).

A exclusão da puericultura do currículo das escolas primárias coincidiu com a criação do curso de educadoras sanitárias, oferecido pelo Instituto de Higiene, como um dos desdobramentos da reforma sanitária de 1925, que elegeu a educação sanitária da população como eixo das ações em saúde pública (Rocha, 2003; Rocha, Soares, 2022). Nesse contexto, as educadoras sanitárias, ainda em formação, iniciaram, no ano de 1926, o ensino de puericultura para alunas das escolas primárias, nas “escolas de mãezinhas” organizadas no Centro de Saúde Modelo, anexo ao Instituto de Higiene; iniciativa que se ampliou, sendo implementada nos centros de Saúde do Brás e do Bom Retiro, dois bairros densamente povoados, que concentravam um significativo contingente de operários. Parte da atuação da Inspetoria de Educação Sanitária e Centros de Saúde, a iniciativa teve continuidade até 1930, quando mudanças nas políticas sanitárias determinaram a sua suspensão, só voltando os cursos a serem oferecidos anualmente, a partir de 1934, sob a responsabilidade da Cruzada Pró-Infância, cuja atuação se articulava, em vários aspectos, à dos órgãos públicos.

Em 1933, a *Revista de Educação*, órgão da Diretoria Geral do Ensino de São Paulo, publicou a tese “O ensino da puericultura nas escolas e agremiações femininas”, apresentada pela educadora sanitária Maria Antonietta de Castro na Conferência Nacional de Proteção à Infância. Reunindo dados da atuação do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar de São Paulo junto a diferentes instituições, o artigo incluía fotografias de aulas de puericultura ministradas às alunas do 4º ano dos grupos escolares, que guardam semelhanças com as fotografias que compõem o *Álbum do Centro de Puericultura*. As imagens põem em cena meninas envolvidas em práticas de pesagem, banho e troca de roupa, ora de uma boneca, ora de um bebê (Rocha, 2016). A “escola de mãezinhas”, como já se observou, era enaltecida pela imprensa da época. É assim que, em junho de 1930, o *Correio Paulistano*, registrando a festa de encerramento de um curso de puericultura ministrado para alunas dos grupos escolares, saudava a iniciativa, a qual, lançando mão do que considerava como “tendências feminis de carinho com as bonecas”, colaborava para preparar as meninas para a criação de filhos fortes e saudáveis.

AS BONECAS E A ESCOLA

Para além de registros fotográficos, as bonecas utilizadas nas práticas de puericultura implementadas nas escolas e nos centros de saúde parecem ter deixado poucos vestígios que permitam identificar os materiais de que eram confeccionadas, a data da sua produção, os fabricantes, os fornecedores, os custos e as formas de aquisição. Alguns indícios podem permitir uma aproximação do universo das bonecas no período. Um exame dos 34 exemplares inventariados no Acervo Histórico do Instituto Caetano de Campos evidencia que apenas uma delas guarda alguma aproximação da boneca que figurou na fotografia extraída do álbum, embora não haja dados que permitam datar a sua produção, aquisição e circulação. Trata-se de uma “boneca holandesa trajada a caráter, com cabelos loiros, sapatos de madeira e cesta de palha na mão direita. Confeccionada em tecido e feltro, com cabeça rígida revestida”, medindo 45 cm (altura) × 25 cm (largura) (Figura 5).²

² Aparentemente mais próximas de uma produção artesanal, as demais bonecas que compõem o acervo da escola são confeccionadas em tecido, bucha vegetal, palha de milho ou argila. Devo também à pesquisadora Ariadne Ecar a disponibilização dessa informação.

Figura 5 – Boneca holandesa.

Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/NUMAH/CRE Mario Covas/EFAPE/SEDUC-SP.

Distinto em seu formato da boneca holandesa, o exemplar que faz parte do acervo do Museo Pedagógico de Aragón (Espanha) apresenta características mais próximas de um bebê. Trata-se de uma boneca datada de princípios do século XX (aproximadamente 1901 a 1925), de 52 cm de altura e 23 cm de largura. Sua descrição oferece um detalhado conjunto de informações sobre o material de que é confeccionada e as várias peças de que se compõe o seu traje:

***Muñeca** de juguete con forma de bebé, de cartón policromado, con brazos y piernas articulados. Está vestida con una camisa color rosa pálido de manga corta y un pantalón corto de cuadros color verde y rosa, clavados con clavos metálicos al cuerpo, y sin zapatos. Lleva una capota con puntillas de encaje, bodeques abiertos y apliques de ganchillo, atado al cuello con dos cintas formando un lazo, que sí puede retirarse. Destaca la policromía del rostro, con grandes ojos azules y marcadas pestañas, labios pintados de carmín brillante y mejillas sonrosadas, recordando la tipología de las muñecas de principios del siglo XX, siendo un precioso ejemplar.*

Em relação ao material e suporte, os dados de catalogação informam: “pigmento, textil, cartón”. Quanto ao seu uso e função, registra-se: “Lúdico. Las muñecas eran un juego muy popular, que servía como introducción a su futuro rol como madres y encargadas del hogar”. Parte do acervo de um museu pedagógico, a catalogação da peça registra a sua vinculação à dimensão lúdica e, ao mesmo tempo, à preparação das meninas como mães e donas de casa. Apesar da descrição minuciosa, que reúne dados sobre o formato, os materiais utilizados em sua confecção e a vinculação a determinadas práticas, não foram localizados dados que permitam identificar o seu fabricante (Figura 6).

Figura 6– Boneca espanhola em formato de bebê.

Fonte: Museo Pedagógico de Aragón.

As informações sobre os dois exemplares localizados em acervos que reúnem objetos provavelmente utilizados nas práticas escolares oferecem algumas pistas sobre os materiais de que eram confeccionadas as bonecas que circularam nas escolas, no início do século XX, e as formas que assumiam, embora não permitam avançar no estudo da produção e comercialização desse objeto material.

Visando localizar referências aos fabricantes de bonecas e à aquisição desses objetos, o *Diário Oficial do Estado de São Paulo* foi selecionado como uma fonte que potencialmente poderia trazer dados sobre a presença desse artefato em negociações, com vistas a assegurar o provimento material das escolas públicas e dos centros de saúde. Apesar dos raros indícios nessa direção, a publicação reúne algumas informações que permitem ampliar a compreensão do universo das bonecas.

Os registros que circularam nesse órgão oficial permitem observar que, nas primeiras décadas do século XX, as bonecas figuram entre os bens leiloados, os brinquedos distribuídos a crianças pobres em instituições filantrópicas, os prêmios oferecidos em eventos esportivos, os objetos perdidos e, ainda, os presentes oferecidos em cerimônias oficiais. Assim, a edição de 5 de fevereiro de 1930 divulgava o leilão dos bens penhorados do dr. Oscar de Oliveira Carvalho, entre os quais figurava uma boneca de feltro, com valor de 35 mil réis (1ª Praça, 1930, p. 1224). Uma boneca de papelão no valor de mil réis fazia parte dos bens deixados pela falecida Maria Benedicta Gonçalves, leiloados em junho de 1934 (Botucatu, 1934, p. 41). A referência às bonecas nos leilões pode indiciar tanto a sua presença no âmbito familiar, como o valor que assumiam no conjunto dos bens acumulados.

Entre os objetos perdidos, o Gabinete de Queixas e Objetos Achados anunciava, no dia 29 de janeiro de 1912, uma lista que incluía uma boneca, sem maiores detalhes sobre as suas características, como se pode ler: “Foram recolhidos ao Gabinete, entregues pela Light, Guarda Civica, uma cesta, tres saccos, uma lata, uma foice, *uma boneca*, um lenço, um caderno, uma capa, um embrulho com pós, uma quantia, dois paletots de senhora, uma chave, duas bolsas, dois livros, uma caixa e um chapéu” (Gabinete de..., 1912, p. 476 – grifos nossos). Um anúncio de fevereiro de 1915 dava conta da lista de objetos reclamados junto ao órgão, entre os quais figura uma “boneca de porcelana” (Gabinete de..., 1915, p. 635). Esses esparsos registros, além de oferecerem algumas pistas sobre a configuração material das bonecas, evidenciam que elas estavam presentes no cotidiano das crianças e, em alguns casos, eram perdidas e reunidas a outros objetos que esperavam ser reclamados por seus proprietários.

Da sua presença nas festas promovidas por instituições filantrópicas, dava notícia uma edição de maio de 1933, em que se registra a realização da festa do agasalho promovida no Asilo da Divina Providência, “uma festa em que colaboram o espirito e o coração”, na qual, segundo se indica, “a todo momento, a mãozinha ansiosa de uma menina se estendia para receber *uma boneca*, uma caixa contendo um aparelho de chá em miniatura, um ‘aeroplano’, uma cestinha com chocolates e guloseimas variadas e apetitosas” (A festa..., 1933, p. 3 – grifos nossos). Uma boneca foi também o prêmio oferecido pelas instrutoras dos Parques Infantis em um torneio esportivo de meninas, realizado como parte das comemorações do Dia do Trabalho, conforme noticiava a edição de 5 de maio de 1935 (Parques infantis, 1935, p. 15).

Várias edições do *Diário Oficial* de setembro de 1933 noticiam a preparação e a realização de uma cerimônia diplomática de entrega de uma boneca japonesa doada às crianças do Jardim de Infância. A solenidade contou com autoridades japonesas e paulistas e um numeroso grupo de crianças que ouviram atentas as palavras do cônsul do Japão em São Paulo. Em seu discurso, a autoridade lembrava que o presente, oferecido pela Prefeitura de Kobe, tinha o objetivo de comemorar o aniversário de 25 anos da imigração japonesa para o Brasil. Assim, afirmava: “fácil será, às crianças de São Paulo, adivinhar na expressão do olhar e do semblante desta figura imóvel, o reflexo vivo de tudo quanto por ela lhes mandam dizer as crianças do Japão” (A tarde..., 1933, p. 2). Ressaltando o significado da boneca em seu país, independente de um recorte de gênero, a autoridade assinalava que: “é tão grande, no Japão, o culto pelas

crianças e a predileção pelas bonecas, que existe o costume generalizado de no dia 3 de março de cada ano, celebrar-se a festa da boneca, e no dia 5 de maio, igual festa para os meninos” (A tarde..., 1933, p. 2). A “rica boneca, vestida a caráter”, como a ela se referia a edição de 14 de setembro, deveria ser porta-voz dos sentimentos de “simpatia, de estima, de afeto e de carinho” das crianças japonesas às paulistas (A tarde..., 1933, p. 2).

Se as informações que circulam no órgão oficial de imprensa oferecem algumas pistas acerca da presença das bonecas na vida cotidiana e dos materiais de que eram confeccionadas, apenas no final da década de 1930 é possível encontrar uma referência à sua produção. Entre os contratos registrados na Junta Comercial, a edição de 25 de fevereiro de 1938, informa a criação, na capital, de uma indústria de confecção de bonecas e similares, a Fábrica de Brinquedos Boneca Paulista, em nome de Mario Libanio e Durval José da Silva, com um capital de 30 contos (Contractos sociaes, 1938, p. 4). A ausência de registros anteriores deixa em aberto a indagação sobre os fabricantes e fornecedores, o que pode levar a pensar na existência de pequenos produtores sem registro comercial. O certo é que havia em circulação, no período, bonecas confeccionadas em feltro, porcelana, tecido e cartão – como evidencia o exemplar do museu espanhol, que não se pode afirmar que tenha circulado no Brasil. A presença da boneca holandesa no acervo da Escola Caetano de Campos, por sua vez, pode ser lida como um indício da circulação de bonecas produzidas em outros países.

Talvez não seja casual a ausência de registros de fabricantes de bonecas, no período, quando se leva em conta os apontamentos de Walter Benjamin (2009) sobre as disputas que envolveram, historicamente, a produção dos brinquedos na Alemanha. Como assinala o autor, resenhando aspectos da obra de Karl Gröber,

antes do século XIX, a produção de brinquedos não era função de uma única indústria. O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância única de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas oficinas manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia ao seu tramo. (Benjamin, 2009, p. 90).

Benjamin assinala que as restrições corporativas vigentes no século XVIII proibiam, por exemplo, o marceneiro de pintar as bonequinhas de madeira que produzia, o que implicava em uma divisão dos trabalhos das manufaturas na produção desses e outros brinquedos. Nesse sentido, explica o autor, “entende-se por si só que a venda ou, pelo menos a distribuição de brinquedos não era, no início, função de comerciantes específicos” (Benjamin, 2009, p. 90), mas do comércio intermediário.

O autor chama atenção também para o formato como um aspecto importante a ter em conta, quando se procura conhecer a dimensão material do brinquedo: “considerando a história do brinquedo em sua totalidade, o formato parece ter uma importância muito maior do que se poderia supor inicialmente” (Benjamin, 2009, p. 91). Segundo aponta, essa dimensão exterior, que se traduz na técnica e no material empregado, é o que permitiria aprofundar o conhecimento do mundo dos brinquedos. Nessa direção assinala que, na segunda metade do século XIX, os brinquedos vão perdendo o seu “elemento discreto, minúsculo, sonhador” e

ficando maiores; formato que vai, cada vez mais, tornando desnecessária a presença da mãe, redundando no que o autor identifica como uma emancipação do brinquedo, que o retira do controle familiar (BENJAMIN, 2009, p. 91).

AS BONECAS NA IMPRENSA DESTINADA ÀS CRIANÇAS

Alusões às bonecas também circularam na imprensa diária, oferecendo indícios da sua presença na vida cotidiana das crianças. Do mesmo modo que na imprensa oficial, as bonecas são referidas em jornais como *A Gazeta*, edição infantil, como um dos brinquedos oferecidos às meninas de presente de aniversário e de Natal e como prêmios em concursos. É possível encontrar também orientações relativas à sua confecção, figurando as bonecas, além disso, como personagens das histórias infantis, peças de teatro e poemas, envolvendo, em alguns casos, as relações entre meninas ricas e pobres.

Nessa direção, a edição infantil do jornal *A Gazeta*, publicada em São Paulo entre os anos de 1929 e 1949,³ oferece aos leitores, em seus primeiros números, informações sobre a confecção de bonecas de variados materiais, acompanhadas de ilustrações. Os títulos parecem sugestivos do que se esperava desse brinquedo. Assim, em setembro de 1929, os leitores se defrontavam com notas sobre uma boneca “que anda naturalmente”, inventada por “uma senhora inglesa”. Confeccionado com pedaços de cartão recobertos por uma espécie de cola, o brinquedo tinha as várias partes do seu corpo ligadas por fitas metálicas, o que lhe dava estrutura e permitia que ele se movimentasse (Esta boneca..., 1929, p. 15). Em outra edição, se pode encontrar, sob o título “como fazer uma boneca imediatamente”, as orientações para a confecção de uma boneca de pano com enchimento de sementes secas (Como fazer..., 1929, p. 7). Distintamente dessas peças que talvez pudessem ser confeccionadas pelas crianças, tem-se, nessa mesma edição, “uma boneca que se transforma em cão ou urso”; o engenho, patenteado por um “inventor inglês”, segundo se informava, possuía três cabeças ligadas ao corpo, que podiam ser trocadas, além de pernas e braços móveis; tudo isso ligado por meio de “pinos especiaes” (Uma boneca..., 1929, p. 14).

Os contos em que figuravam as bonecas, às vezes com finais não muito felizes, percorrem as páginas do periódico destinado às crianças, oferecendo algumas pistas sobre esse objeto e sua presença no mundo infantil. Um exemplo é a trágica história de uma boneca, na qual se procura ensinar as meninas a forma como deveriam lidar com os seus brinquedos. Sob o título

³ Sob a direção de Cásper Líbero, a edição infantil do jornal inicia sua publicação em 5 de setembro de 1929. Os propósitos a que visava podem ser lidos em sua página inicial, encabeçada pela frase “O Brasil caminha pelos pés das crianças”, seguida da imagem de um menino se preparando para mergulhar, que ocupa quase toda a página. Logo abaixo da imagem, se pode ler: “O lema que encabeça esta pagina resume todo um programma educativo. Por elle chegarão os brasileiros á méta do esforço comum: tornar a Patria grande, pela grandeza dos seus filhos. A ‘Gazeta’ se propõe a colaborar nesse trabalho augusto e com tal empenho lança o primeiro numero da sua edição infantil, uma pedrinha posta na estrutura da grande obra do nosso civismo que será o Brasil de amanhã!”. Em seu editorial, informava que o periódico não pretendia concorrer com outras publicações, mas apenas aproveitar as suas instalações em “benefício da infancia tão pouco aquinhoada, entre nós, de leitura sã e interessante, atendendo às sugestões de ‘numerosos leitores paes de familia’” (A “GAZETA” INFANTIL, 1929, p. 14).

“Cuidado”, a história publicada em dezembro de 1929 narra a desventura de uma menina que esqueceu a boneca que ganhara de presente de aniversário no jardim, indo encontrá-la na manhã seguinte, após uma tempestade, reduzida a “uma massa sem forma e uns farrapos sujos”, tudo o que sobrara da boneca:

- E que boneca, quasi da altura de Chiquita. Tinha olhos azues, boquinha vermelha, os dentes que apareciam eram quatro, muito alvos. E os cabellos? bem penteados, um gosto, com uma fita côr de rosa, um laço chic. Vestida com todo capricho e quasi luxo. E ainda a boneca falava: Mamãe. (Cuidado, 1929, p. 15).

Outro brinquedo que tem fim trágico é Marília, uma boneca de *biscuit* que se afoga no rio, personagem em torno do qual se articula o conto “A boneca da Maroca”. O brinquedo fora doado a uma menina do vale do Paraíba, por sua amiga da capital que, comovida com o carinho da primeira por sua própria boneca – adjetivada pela amiga como “monstro de pano” –, a presenteia com a sua “linda boneca de ‘biscuit’”, “uma legitima ‘Bebé Bru’, artigo de Paris”, comparável a uma “criança’ de porcelana” (A boneca..., 1930, p. 4).

As histórias publicadas no jornal destinado às crianças oferecem vestígios acerca das bonecas, suas características, os materiais de que eram confeccionadas e a sua origem, como a boneca francesa doada a Maroca. Em “Rica e pobre”, Dora, a menina rica, possui um armário de jogos e bonecas de todos os tipos e tamanhos, entre as quais a mais nova era “uma dessas bonecas de pano, com roupa de drap e cabeleira crespa”, que acaba por ser presenteadada a uma menina pobre (Velloso, 1930, p. 10). Em uma história ilustrada, Rosinha doa a boneca “caríssima”, que ganhara de presente de aniversário da madrinha, a uma amiga que estava triste; em retribuição recebe da mãe da menina “uma boneca de porcelana, bem mais linda que a anterior” vinda da Argentina, onde moravam os pais da amiga (A boneca..., 1934, p. 11). No conto “O boneco de papelão”, a pequena Anita, para aquecer a casa onde jazia a pobre mãe enferma, lança ao fogo seu boneco de cartão pintado – aliás, seu único brinquedo, única recordação do falecido pai, um boneco “grande, macisso, solido”. Como recompensa por seu gesto, recebe algum tempo depois uma caixa com uma surpresa: “uma lindíssima boneca de louça, que ia substituir o boneco de cartão que fôra queimado” (O boneco..., 1934, p. 6). A seção “A Arca de Noé” publica, em uma edição de 1937, o texto “Brinquedos”, que põe em cena as recordações do encantamento produzido pela vitrine de uma loja de brinquedos, entre os quais se podia ver uma “boneca alemã, que dormia e falava mamã” (Brinquedos, 1937, n. p.).

Com o intuito de orientar os pais, diante da grande quantidade e variedade de brinquedos disponíveis nas lojas, o jornal veicula, em 1930, uma nota intitulada “Brinquedos de utilidade”, procurando apontar as “ cousas uteis e nobres” com as quais se poderia despertar a curiosidade das crianças enquanto brincavam, “aumentando e desenvolvendo a sua faculdade de raciocinar”. Sobre as bonecas, recomenda:

E quando se comprarem bonecas, que são presentes consagrados para meninas, é preciso pensar na idade da criança a quem vai ser dado o presente. As criancinhas de pouca idade interessam-se mais por uma boneca de tamanho médio ou pequeno, do que propriamente por bonecas enormes, que até lhes podem causar receio. (Brinquedos de..., 1930, p. 6).

Quanto às características das bonecas, a descrição feita pela leitora Sylvinha S. J. N. das suas duas bonecas, em carta endereçada a Papai Noel, publicada na seção “Arca de Noé”, parece significativa quanto aos formatos desse objeto cultural:

Uma é loura, loura como um anjo do Senhor. Seus olhos de um azul puríssimo, mais parecem dois retalhinhos do límpido céu que embeleza a Italia. Seus cabellos, de um ouro que refulge ao sol, caem-lhe encaracolados e preguiçosos pelos brancos hombros de porcelana. No delicado rostinho oval, uma boquinha rosa descorada, ligeiramente entreaberta. Está vestida como uma dama do tempo de Luiz XIV, e traje que mais combina com o ar de altivez que tem. A outra está vestida como uma camponeza de França; porém, o seu typo não é o de uma franceza, e sim o de uma brasileira. É morena, tem cabellos e olhos da côr do ébano. A maior beleza desta boneca são os olhos, de um negro aveludado e grandes como duas jaboticabas, e a bocca firmemente traçada e da côr mais intensa do nacar. (As minhas..., 1934, p. 2).

No conto “O Natal de Giroflá”, publicado em 20 de dezembro de 1934, a personagem Giroflá é uma boneca “velha, de louça e papelão” (O natal... 1934, p. 2). Em “A boneca de Eleonora”, a pequena Eleonora, filha de um casal de artistas, se encanta com uma boneca “loura e rosada e tão alta como uma menina de dois annos. Envergava lindíssimo vestido de seda verde, sapatinhos de couro muito brilhante...”. Enorme foi o seu susto ao descobrir que a boneca, que mais parecia uma princesa, abria e fechava os olhos (A boneca..., 1935, p. 2).

Uma menina, cercada das “modernas bonecas dos dias de hoje”, ilustra uma breve história desse objeto (Figura 7), que, como informava a nota, nem sempre foi um brinquedo para meninas, mas assumiu diferentes funções em distintos períodos históricos e países, entre elas a de amuleto. A imagem central, de uma menina cercada de bonecas, oferece uma ideia das representações desse objeto material e do seu lugar nas brincadeiras infantis.

Figura 7 – A menina e as bonecas “dos dias de hoje”.



Fonte: A Gazeta, 1930, p. 13.

Não deve parecer casual que as bonecas, associadas à ideia de maternidade, fossem brinquedos destinados às meninas, como evidenciam os comentários sobre o encerramento da “escola de mãezinhas”, as imagens das práticas de puericultura nas escolas paulistas ou mesmo os dados de catalogação da boneca espanhola. Nessa mesma direção, em um poema de autoria de Bernardo Pedroso, intitulado “A menina e a boneca”, publicado na seção “Arca de Noé”, se pode ler:

[...] uma coisa então pude notar:

- Que o instinto de ser mãe bem cedo se revela.

Embalando a boneca com carinho,

como se a uma filha é que embalasse,

a menina fala-lhe baixinho,

como a querer também que ella falasse!... (Pedroso, 1934, p. 15).

Das bonecas como prêmios, dão notícia as edições de 1934 do periódico, que divulgam o “Concurso Toddy para colorir” (Figura 8), cuja premiação para os desenhos mais bem coloridos, com lápis de cor ou aquarela, eram um “monopatim”, para os meninos, e uma boneca vestida em traje de festa, para as meninas, conforme se pode observar no anúncio.

Figura 8– “Esta boneca é o PRIMEIRO PREMIO...”

Concurso TODDY para Colorir

Bases:

Trata-se de colorir o desenho, seja com lápis de cores, aquarela, etc. Os dois primeiros prêmios corresponderão aos desenhos melhor coloridos. Se for menino, receberá um monopatim e se for menina, uma boneca. É indispensável pregar, ao lado do endereço, no lugar abaixo indicado, uma cabecinha das que vão nas gravuras que todas as latas de Toddy contêm no seu interior. Os desenhos que não vierem acompanhados da cabecinha Toddy, pregada no sítio indicado, não entrarão em concurso. Os nomes dos premiados neste concurso serão publicados nesta mesma página, no primeiro número de cada mês.

Esta boneca é o PRIMEIRO PRÊMIO que corresponderá à menina que enviar o desenho melhor colorido.

Este monopatim é o PRIMEIRO PRÊMIO que corresponderá ao menino que enviar o desenho melhor colorido.

Fonte: A Gazeta, 1934, p. 10.

Além de concursos como o do Toddy, as bonecas figuram entre os brindes sorteados pelo jornal, que parece não seguir, na distribuição dos prêmios, o critério de gênero adotado pelo concurso do achocolatado. Em uma lista dos 1.500 leitores sorteados, Renato Carrozza, residente na capital, por exemplo, figura como contemplado com uma “boneca de feltro ‘holandez’” (Os 1.500..., 1938, n. p.). Uma fotografia na qual se registra a entrega dos prêmios aos contemplados no concurso do jornal dá uma ideia de algumas das bonecas em circulação, num momento em que a fábrica de brinquedos Estrela, criada em 1937, iniciara a sua produção, podendo-se supor que alguns desses brindes tivessem o selo da Estrela ou, talvez, da fábrica Boneca Paulista (Figura 9).

Figura 9– “... uma linda leitora que veio receber uma bela boneca de luxo”.



Fonte: *A Gazeta*, 1938, n. p.

A variedade de tipos de bonecas que circulam no jornal destinado ao público infantil se amplia no final dos anos 1940, com a divulgação do catálogo da Estrela (Figuras 10 e 11),

Figura 10– Anúncio da Estrela.

Fonte: *A Gazeta*, 1949, n. p.

Figura 11– Detalhes do anúncio da Estrela.

Fonte: *A Gazeta*, 1949, n. p.

por meio do qual se pode ter uma ideia das feições assumidas pelas bonecas, no período, algumas delas com características mais próximas aos bebês, além de alguns indicativos dos materiais de que eram confeccionadas. Entre os anúncios, temos:

Pela primeira vez na historia da nossa fabrica. Lançamos uma linda boneca de qualidade Estrela, que dorme, fala e tem cabelo em tranças em linda caixa. Tamanho 30 cms. [...]

Aqui tem a boneca de pano tão estimada pelas meninas pequeninas. Fala “Mamãe”. Tamanho 33 cms. [...]

Latex Baby. Dorme, mama e molha as fraldinhas. Tamanho 30 cms. Preço no varejo Cr\$ 120,00. Tamanho 40 cms. Preço no varejo Cr\$ 180,00. [...]

Bonequinha de massa inquebrável. Cabeça, braços, pernas articulados. Tamanho 28 cms. Preço no varejo Cr\$ 40,50.

Como se pode observar, no período contemporâneo à implementação das práticas de puericultura nas escolas primárias e nos centros de saúde de São Paulo, as bonecas eram um artefato que circulava entre as crianças. Confeccionadas em feltro, tecido, cartão, *biscuit*, porcelana; com cabelos, chapéus, laços de fita na cabeça; capazes de mover os olhos e com membros articulados, esses objetos certamente povoavam a imaginação infantil, antes mesmo de se configurarem em objetos de práticas destinadas a conformar a subjetividade das meninas em sua futura função como mães.

PEQUENOS FRAGMENTOS DA “ERA DAS BONECAS REALISTAS”

Partindo das reflexões sobre a história da cultura material da educação, buscou-se contribuir, neste artigo, para o exame dos artefatos utilizados na educação sanitária das meninas que frequentavam as escolas primárias de São Paulo nas décadas iniciais do século XX, elegendo-se como objeto e fonte de investigação as bonecas que, substituindo os bebês ou mesmo concorrendo com eles, deram suporte às práticas de puericultura. O questionário a que se submeteu esse objeto material procurou encontrar indícios das suas formas, dos materiais empregados na sua confecção, da sua produção e aquisição. Buscou atentar, ainda, para as representações sobre as bonecas e os deslocamentos que acompanharam a sua inscrição em práticas que procuravam conformar a subjetividade das meninas.

Se os dados levantados não permitem determinar a origem das bonecas utilizadas nas encenações de cuidados com os bebês, por meio das quais se visava preparar as meninas para o cuidado futuro com os filhos ou mesmo para assumir a responsabilidade pelos irmãos mais novos, é possível observar que as bonecas eram representadas como um brinquedo naturalmente destinado às meninas, em um nexos que vinculava o destino das mulheres à maternidade.

Em outra dimensão, os dados levantados possibilitam perceber a circulação de diferentes tipos de bonecas, algumas imaginárias, nem todas acessíveis a todos os bolsos, algumas delas inacessíveis a grande parte das meninas. Os contos, poemas e peças teatrais sugerem que

às meninas pobres estavam destinadas, quando muito, as bonecas de pano ou de cartão. As sofisticadas bonecas de *biscuit*, porcelana, feltro, que piscavam, se moviam, falavam “mamãe” só chegavam às suas mãos graças à generosidade de alguma menina rica. Teria algum desses tipos de bonecas chegado às meninas por meio das práticas de puericultura, como a boneca holandesa que faz parte do acervo da Escola Caetano de Campos?

As vitrines das lojas, possivelmente, alimentavam o desejo de consumo das novidades do universo dos brinquedos, figurando as bonecas como presentes desejados e algumas vezes conquistados pelas meninas, em datas como os aniversários e o Natal. A ausência de referências a fábricas de brinquedos, antes do final da década de 1930, associada à presença das bonecas nas escolas, nas festas promovidas por entidades filantrópicas, nos concursos e, por outro lado, as alusões a bonecas produzidas em outros países, como a *Bébé Bru* francesa, podem ser lidas como um indicativo de que as bonecas que deram suporte às práticas de puericultura nas escolas paulistas e nos centros de saúde estiveram envolvidas em circuitos internacionais que asseguraram a provisão material desses espaços educativos.

Nesse sentido, o exame dos catálogos de fabricantes e comerciantes estrangeiros, associado ao levantamento de fontes que ofereçam dados sobre essas transações entre países como a França, a Holanda e o Brasil, podem indicar uma pauta de pesquisa que talvez permita avançar na direção proposta por Walter Benjamin (2009, p. 95) quando se refere à possibilidade de se traçar uma “arqueologia das casas comerciais e lojas de bonecas”. Se os resultados da investigação sobre a boneca fotografada nas práticas de puericultura encenadas nas escolas de São Paulo ainda se mostram modestos quando se trata de retratar a sua dimensão material e os circuitos que se articulam em torno da sua aquisição, talvez possam contribuir para reunir alguns fragmentos do que esse mesmo autor denominou como “a era das bonecas realistas” (Benjamin, 2009, p. 95).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- ESCOLANO, Agustín. Presentación. In: **Cien años de escuela en España (1875-1975)**. Salamanca: Kadmos, 1990.
- FONTENELLE, José Paranhos. **Compendio de Hygiene Elementar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Propriedade do Autor, 1925.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. “Ser mãe é uma ciência”: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, sup., p. 153-171, jun. 2008.
- MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. **Medos, mimos e cuidados**: uma história dos guias maternos brasileiros da primeira metade do século XX. São José dos Campos: 32 D; PROAC, 2021.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, n. 21, p. 89-103, 1998.
- PAIVA, Tamires Faria. **Noções para persuadir e educar**: os discursos médico-higiênicos na formação e ofício do professorado primário (1914-1928). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2011_1-756-ME.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2021.
- PEREIRA, Júnia Sales. **História, ciência e infância**: narrativas profissionais no processo de singularização da pediatria como especialidade. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- PERETTI, André de. Outils pédagogiques. In: CHAMPY, Philippe; ÉTÉVÉ, Christiane (Dir.). **Dictionnaire encyclopédique de l'éducation et de la formation**. 3. ed. Paris: Retz, 2005. p. 693-695.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes**: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2003.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Higienismo e cultura material escolar: notas sobre a invenção dos objetos e de suas funções. In: SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (Orgs.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escrita e possibilidades. 2ed. São Luís: EDUFMA, 2023.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Manuais escolares para um ensino prático. **História da Educação**, v. 20, n. 50, p. 95-118, set./dez. 2016.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; SOARES, Márcia Guedes. Preparando as meninas para a “idade maternal” (São Paulo, década de 1920). In: ROCHA, Heloísa Helena Pimenta; DUSSEL, Inés; PAULILO, André Luiz (Orgs.). **Práticas culturais, práticas escolares**: miradas históricas e novas problematizações. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.
- ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades ocidentais do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, Rosa Fátima de. Vestígios da cultura material escolar. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 7, n. 2 [14], p. 11-14, maio/ago. 2007a.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.
- VIVIANI, Luciana Maria. **A biologia necessária**: formação de professores e escola normal. Belo Horizonte: Argvmentvm; São Paulo: FAPESP, 2007.

FONTES

- A BONECA da Maroca. **A Gazeta**, São Paulo, p. 4, 15 maio 1930. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=580>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- A BONECA da Rosinha. **A Gazeta**, São Paulo, p. 11, 5 abr. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1403>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- A BONECA de Eleonora. **A Gazeta**, São Paulo, p. 2, 4 abr. 1935, p. 2. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=2226>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- A FESTA do agazalho. A entrada do inverno e as crianças pobres. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 109, p. 3, 16 maio 1933. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1933%2fdiario%2520oficial%2fmaio%2f16%2fpag_0003_5FNUMCDU78B1Ae9C7GAJBTUPKDN.pdf&pagina=3&data=16/05/1933&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100003>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- A “GAZETA” infantil. **A Gazeta**, São Paulo, p. 14, 5 set. 1929. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=764507&pesq=&pagfis=14>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- A TARDE festiva de ontem no jardim da infancia. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 2, 16 set. 1933. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1933%2fdiario%2520oficial%2fsetembro%2f16%2fpag_0002_CSORSOJ7QABIVe5EIP2SKLMVJHT.pdf&pagina=2&data=16/09/1933&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100002>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- ÁLBUM do Centro de Puericultura do Instituto de Educação de São Paulo, 1933-1934.
- ALMEIDA JUNIOR, Antonio Ferreira de. **Saneamento pela educação**. Tese – Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 1922.
- AS BONECAS. **A Gazeta**, São Paulo, p. 13, 13 mar. 1930. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=445>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- AS MINHAS duas bonecas. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 16 ago. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1698>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- BONECAS. Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/NUMAH/CRE Mario Covas/EFAPE/SEDUC-SP.
- BOTUCATU, 1º Ofício. Praça e leilão com o prazo de 10 dias. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 127, p. 41, 13 jun. 1934. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1934%2fdiario%2520oficial%2fjunho%2f13%2fpag_0041_A3AAKVEDK7E6Ee6NBAEIDGH3000.pdf&pagina=41&data=13/06/1934&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100041>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- BRINQUEDOS. **A Gazeta**, São Paulo, n. p., 9 jun. 1937. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=4454>>. Acesso em: 29 jul. 2024.



- BRINQUEDOS DE utilidade. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 20 fev. 1930. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=390>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- CASTRO, Maria Antonietta de. **O ensino da puericultura nas escolas**. Palestra proferida na Escola Normal “Padre Anchieta”, em 25 jul. 1946. São Paulo, 1946.
- COMO FAZER uma boneca imediatamente. **A Gazeta**, São Paulo, p. 7, 7 nov. 1929. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=151>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- CONCURSO TODDY para colorir. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 19 abr. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1434>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- CONTRACTOS SOCIAES. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 44, p. 4, 25 fev. 1938. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1938%2fdiario%2520oficial%2ffevereiro%2f25%2fpag_0004_B016EMPRS7S4MeEOJ485GFA6O87.pdf&pagina=4&data=25/02/1938&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100004>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- CRIANÇAS JAPONESAS brindam suas colegas paulistas. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 14 set. 1933. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1933%2fdiario%2520oficial%2fsetembro%2f14%2fpag_0005_3G62TP6B4K5K1e45GU1EUHK7VC2.pdf&pagina=5&data=14/09/1933&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100005>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- CUIDADO. **A Gazeta**, São Paulo, p. 15, 26 dez. 1929. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=271>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- ESTA BONECA anda naturalmente. **A Gazeta**, São Paulo, p. 15, 26 set. 1929. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=764507&pesq=&pagfis=63>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- ESTRELA. UM grande nome em brinquedos. **A Gazeta**, São Paulo, n. p., 1949. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=13905>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- GABINETE DE queixas e objectos achados. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 476, 1 fev. 1912. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1912%2fdiario%2520oficial%2ffevereiro%2fo1%2fpag_0476_BU29FNL6C6G76eAEQAPII6FoVF8.pdf&pagina=476&data=01/02/1912&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100476>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- GABINETE DE queixas e objectos achados. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 635, 13 fev. 1915. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1915%2fdiario%2520oficial%2ffevereiro%2f13%2fpag_0635_208LU9IEEOI14e4HC9LJRMCMQ3M.pdf&pagina=635&data=13/02/1915&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100635>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- MUÑECA. Museo Pedagógico de Aragón. Disponível em: <[https://servicios3.aragon.es/reddigitalA/pages/ResultSearch?Museo=MPAHU&txtSimpleSearch=Mu%F1eca&simpleSearch=0&hipertextSearch=1&search=simple&MuseumsSearch=MPAHU|&MuseumsRolSearch=2&listaMuseos=\[Museo%20Pedag%F3gico%20de%20Arag%F3n\]#subir](https://servicios3.aragon.es/reddigitalA/pages/ResultSearch?Museo=MPAHU&txtSimpleSearch=Mu%F1eca&simpleSearch=0&hipertextSearch=1&search=simple&MuseumsSearch=MPAHU|&MuseumsRolSearch=2&listaMuseos=[Museo%20Pedag%F3gico%20de%20Arag%F3n]#subir)>. Acesso em: 29 jul. 2024.



- O BONECO de papelão. **A Gazeta**, São Paulo, p. 6, 5 jul. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1606>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- O NATAL de Giroflá. **A Gazeta**, São Paulo, p. 2, 20 dez. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1986>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- OS 1.500 leitores da Gazetinha favorecidos pela sorte. **A Gazeta**, São Paulo, n. p., 1938. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=6001>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- PARQUES INFANTIS. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 102, p. 15, 5 maio 1935. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1935%2fdiario%2520oficial%2fmaio%2fo5%2fpag_0015_1AF8JDD81NOJ7eFDE3JOV38ERM3.pdf&pagina=15&data=05/05/1935&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=100015>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- PEDROSO, Bernardo. A menina e a boneca. **A Gazeta**, São Paulo, p. 15, 22 fev. 1934. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=1311>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- 1ª PRAÇA. Cartorio do 4º Officio Civil. **Diario Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 1224, 5 fev. 1930. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1930%2fdiario%2520oficial%2ffevereiro%2fo5%2fpag_1224_7C60BLL93T3IEeFTBPS3KJ99B7R.pdf&pagina=1224&data=05/02/1930&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial&paginaordenacao=101224>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- UMA BONECA que se transforma em cão ou urso. **A Gazeta**, São Paulo, p. 14, 7 nov. 1929. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=158>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- UMA GRANDE cruzada da Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 2, 13 jun. 1930. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&pesq=escola%20de%20m%C3%A3ezinhas&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2452>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- VELLOSO, Maria A. Rica e pobre. **A Gazeta**, São Paulo, p. 10, 28 ago. 1930. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=842>>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- VENHAM RETIRAR os presentes da Gazetinha!... **A Gazeta**, São Paulo, n. p., 1938. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&Pesq=boneca&pagfis=6028>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

HELOÍSA HELENA PIMENTA ROCHA é Professora Associada (Livre-Docente) na Faculdade de Educação da Unicamp; bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-1D do CNPq. Doutora em Educação (USP, 2001), com estágios de pós-doutorado no Centro de Ciencias Humanas y Sociales do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Espanha, 2017/2018); no Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP (2017); e na Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires (2007/2008).

E-mail: heloisah@unicamp.br

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo

Recebido em: 06/10/2024

Aprovado em: 04/08/2025

Editora responsável: Patrícia Weiduschadt

